

Registros como instrumentos de formação e de criação

CECÍLIA WARSCHAUER¹

Os Registros fazem parte de minha vida desde os onze anos de idade, quando comecei a escrever um Diário. E não parei mais. Essa prática ampliou-se para as atividades profissionais, diversificando-se. Por três vezes em minha vida, reduzi o ritmo de trabalho para poder analisar os Diários e as novas formas que os Registros foram tomando, assim como seus resultados para os grupos que passaram a incorporá-los em seu cotidiano. Essas análises resultaram em três livros abordando suas características, usos e benefícios, em contextos diferentes de vida e trabalho. O primeiro como professora de crianças, jovens e adultos. Depois na formação de professores em escolas e universidades. E em seguida no campo empresarial, formando líderes e suas equipes, assim como organizações como um todo, criando um "ambiente formativo". Mas os Registros também têm sido úteis nos desafios da vida pessoal, não só pela escrita de diários, como no acompanhamento de meu pai, durante a velhice e doenças. Registros de diferentes tipos fizeram parte desse processo, com estratégias para lidar com o tempo (escasso no meu caso e ocioso no dele), com os limites de sua memória e cognição e com nossa afetividade imensa, que pedia uma solução para vivê-la. Os Registros foram grande parte da solução, recriados dos tempos da professora "primária".

Para além de uma técnica, entendo os Registros como instrumento para a construção do humano, pois eles deixam marcas do vivido, das reflexões sobre elas, e abrem-se, indefinidamente, para

novas possibilidades de retomada e atribuição de sentidos. O humano que se constitui, por sua vez, pela relação com o outro, pelo entrelaçamento das histórias individuais, pelo tecido das histórias coletivas. Por isso os Registros são tratados nos livros juntamente com as Rodas de partilha.

Isso fica evidente nos três livros, que contam as histórias de vários grupos. Em cada um, os Registros iam sendo elaborados como solução para os problemas específicos de cada contexto, a começar pela construção de uma metodologia de trabalho para o docente, como é o caso do Diário do professor, à semelhança do "Diário de campo" de um antropólogo. Registros também usados como forma de tecer projetos interdisciplinares, de organizar os conhecimentos, de construir uma memória e a identidade de seus a(u)tores, resultando em motivação para os alunos em desenvolvimento ou professores em formação, além de minha própria motivação, pela criatividade, sentido e inovação que acompanhavam essas práticas. Registros como ferramenta para a criação e concretização das obras em construção: livros dos alunos, cadernos de reflexão de professores, com o planejamento e avaliação de suas práticas, álbuns de fotos e textos com histórias de vida, como a de meu pai. Registros que quando retomados como matéria de reflexão, dão origem a novos, como os três livros da "trilogia das Rodas". Registros em Rede dando continuidade à espiral de formação e criação.

Neste artigo, reúno algumas reflexões e tipos de Registros tratados nos livros. E, para situar o contexto mais amplo, no qual as reflexões estão situadas, faço uma rápida apresentação de cada um.

A Roda e o Registro: Uma Parceria Entre Professor, Alunos e Conhecimento é a publicação da dissertação de mestrado, iniciado em 1987, quando pensei pela primeira vez que seria

1. Mestre e doutora em Educação pela USP. Trabalhou da Educação Infantil à Universidade e atuou na coordenação e formação de professores em instituições no Brasil. Deu aulas em cursos de mestrado e conferências em universidades de Portugal, França e Suíça, apresentando o resultado de suas pesquisas e das práticas com a metodologia Roda & Registro®. Autora de livros e artigos, Cecília dá consultoria para o desenvolvimento de pessoas e organizações no Brasil e no exterior e conduz atividades de formação para grupos em seu ateliê das Rodas.

interessante registrar em forma de livro o que tinha vivido em uma escola com as crianças. A emoção que vivera naqueles anos, e o interesse despertado quando eu contava o que fazíamos me impulsionavam. Foi quando decidi retomar os vários registros – diários de reflexões sobre o cotidiano da sala de aula, os textos e os desenhos dos alunos – para refletir sobre eles no curso de mestrado, buscando interlocução com pesquisadores e autores. Queria descobrir o que

havia possibilitado aquele tipo de motivação, dos alunos e minha, e o que nos ajudou – e como – a costurar os conteúdos curriculares com os temas de interesse, que emergiam espontaneamente das conversas. São narrativas da pesquisadora que se utiliza dos Registros da professora e de seus alunos. A dissertação foi publicada em 1993, evidenciando os dois instrumentos metodológicos daquela prática pedagógica: A Roda e o Registro.

O segundo livro, *Rodas em Rede: Oportunidades*



ROBERTA CARBONE

Cecilia Warschauer em palestra na Semana de Planejamento do Teatro Escola Macunaíma realizada em julho de 2016.

Formativas na Escola e Fora Dela, é a publicação da tese de doutorado, na qual pesquisei a formação humana em um sentido mais amplo, não restrita à formal, escolar, acadêmica ou técnica. Formação entendida não como um somatório de cursos e diplomas, mas como um processo no qual aquele que se forma tem função ativa, atribui sentidos próprios às suas experiências com os outros, com os ambientes e consigo mesmo. É um movimento dinâmico, que se estende por toda a sua vida, nos diferentes espaços e tempos. Inclui rever sentidos ao abordá-los segundo novas perspectivas e contextos de vida, aproveitando de forma consciente as diversas experiências que o sujeito vive como oportunidades de formação, inclusive as do seu ambiente de trabalho.

O terceiro livro, *Entre na Roda! Uma Metodologia de Formação Humana da Sala de Aula ao Desenvolvimento Organizacional*, dá continuidade aos anteriores: retoma os dois instrumentos metodológicos – a Roda e o Registro –, descritos no primeiro livro, e a concepção de autoformação, desenvolvida no segundo. *Entre na Roda!* reapresenta ferramentas e conceitos em diferentes contextos de vida e trabalho, com narrativas que explicitam de que forma utilizá-los como metodologia ampla favorecedora da formação humana, nos vários contextos de vida pessoal e profissional.

O Diário como iluminador de novos caminhos

Em *A Roda e o Registro*, refiro-me em especial a um tipo de registro: o Diário do professor, uma verdadeira ferramenta de trabalho. Ferramenta para sua reflexão, autoconhecimento e para a elaboração de projetos pedagógicos com significados para um grupo específico de alunos, ouvindo-os e repensando, com eles, os rumos da aprendizagem, para além dos planos de ensino. O que significa estar sempre em processo de criação.

Mas não existe um modelo único para se registrar. O Diário é construído por cada professor que lhe dá uma forma própria, de acordo com as necessidades de cada momento, de cada realidade de trabalho. Desde 1983, quando dava aulas para crianças pequenas na Educação

Infantil, registrava a prática no Diário. Mas com os anos, sua forma foi mudando. Naqueles primeiros anos, a maior preocupação era a de descrever fatos, atividades e comportamentos meus e dos alunos (o que volto a fazer quando estou diante de uma realidade totalmente nova, como quando comecei a atuar no mundo corporativo). Posteriormente, passei a registrar mais os pensamentos sobre os fatos, sobre os sentimentos e sobre os próprios pensamentos, além das avaliações e planejamentos. A reflexão sobre o vivido foi aprofundando-se, e, através dela, pude encontrar soluções criativas para os problemas que apareciam. As descrições continuavam ocorrendo, porém, serviam de embasamento e retroalimentavam as reflexões.

A reflexão é um pensamento ao 2º grau, no qual o homem re-pensa o que estava fazendo. Assim, refletir é olhar a própria ação de uma maneira particular e à distância. É tomar uma certa distância para melhor julgar o que se está fazendo, ou o que se fez, ou o que se fará. Essa distância é necessária se se pretende dar uma significação às próprias ações, isto é, medir as dimensões e as consequências dos próprios atos: colocá-los em totalidades maiores; orientar-se neles. Este esforço de coerência e de lucidez abre o horizonte da ação, permitindo sentir melhor os limites e as possibilidades da ação (FURTER, 1996, p. 28).

O Registro permite que vejamos a historicidade do processo de construção dos conhecimentos, porque ilumina a história vivida e auxilia a criação do novo a partir do velho. Oferece segurança porque relembra as dificuldades anteriores e a sua superação, dando coragem para enfrentar novos desafios e dificuldades, que, como as anteriores, poderão ser superadas.

A vivência do Registro, sob essa perspectiva, nos remete ao campo da humildade, através do aprendizado de conviver com a dúvida, com as incertezas, o que não significa insegurança. E com isso favorece uma apropriação do crescer com a coragem necessária para abandonar as

certezas antigas e caminhar na direção do novo, da criação.

Escrever o Diário, após um dia de trabalho que despertou dúvidas, ou aborrecimentos, ou mesmo apatia, é como um chamado à criação. É um momento de introversão marcado pelo silêncio do mundo externo. Esse silêncio é necessário ao ato criativo, pois silenciar os ruídos das agitações do cotidiano é criar oportunidade para deixar que as intuições e inspirações manifestem-se. Um movimento semelhante ao do poeta que luta com a ausência de sentido, “até que o silêncio responda, e que o Não-Ser seja” (MAY, 1982, p. 81).

Em minha prática, a escrita do Diário representava esse silêncio criativo que ajudava a alimentar as atividades do dia seguinte, marcando o retorno à prática. Representava a busca dos sentidos que, na sala de aula, habitavam entre mim e os alunos. Era como se abrisse espaço para conhecimentos diferentes daqueles aos quais tinha acesso pela via consciente e racional. Podia tomar conhecimento de sentimentos dos quais não suspeitava. Mas, para abrir esse espaço, era necessário ter disciplina. Uma disciplina de alternância entre as atividades do cotidiano e a reflexão. Disciplina de viver a alternância entre a cidade e a montanha que habitam em nós.

Outro aspecto que a escrita do Diário possibilita está ligado ao autoconhecimento. Percebo que esse tipo de escrita possibilita o acesso a camadas mais profundas de nós mesmos que, sem esse registro, poderiam não chegar ao nosso conhecimento. Porém, possibilita também o conhecimento de aspectos muitas vezes indesejados e sombrios. Mas, uma postura de abertura e determinação pela ampliação do (auto) conhecimento pode iluminar o caminho para a conquista de uma coerência interna, integradora, e contribuir para a aproximação entre o idealizar e o concretizar, entre o pensar e o agir.

Conhecer nosso lado sombrio ajuda na tolerância em relação ao outro, possibilitando o encontro com o outro como ele é e não como gostaríamos que fosse para satisfazer a nossa própria incompletude. Pode ser, então, um caminho para não sermos presas fáceis de nossas projeções. Felizmente, ao olhar para o

interior de nós mesmos, com o auxílio do Diário, não encontramos apenas nossos aspectos sombrios, mas também recursos de que não suspeitávamos, que revelam uma fonte pessoal de força para enfrentar problemas que antes pareciam insolúveis.

Apesar do Diário do professor não ter os mesmos objetivos que o *Diário intensivo* de Ira Progoff², percebo semelhanças, por exemplo, quanto ao autoconhecimento e à exploração dos diálogos interiores como via de acesso à poesia interior de cada um. A introspecção, através do Diário, possibilita aproximarmo-nos de “uma poesia, uma beleza, um conteúdo espiritual, que estão completamente ausentes de nossa civilização, justamente por causa da desconfiança com relação à subjetividade” (NIN, 1980, p. 99).

Segundo Ira Progoff, a escrita do Diário trabalha no sentido de um aprofundamento da qualidade da experiência vivida, o que ajuda, na ativação dos arquétipos³, no desenvolvimento pessoal de modo criativo e na abertura do indivíduo para relacionar-se com a sincronicidade. Isso não quer dizer de maneira alguma que a ocorrência da sincronicidade restrinja-se àqueles que busquem um aprofundamento de sua experiência, nem que isso tenha que ser feito obrigatoriamente através da escrita do Diário, pois “onde quer que haja seres humanos, sempre ocorrem eventos sincrônicos e, de fato, é bem provável que uma vez que saibamos o que procurar, venhamos a descobrir que o número desses eventos é muito maior do que supúnhamos” (SILVEIRA, 1968, p. 77).

A escrita como oportunidade formativa

Em *Rodas em Rede*, trago pesquisadores que analisaram registros de professores para pensar em estratégias de formação por meio da análise de práticas.

2. Método de desenvolvimento pessoal por meio da escrita, fundamentado na Psicologia Profunda e elaborado por Ira Progoff, psicólogo e seguidor de Jung.

3. Arquétipos, no sentido junguiano, são imagens primordiais inatas, presentes no inconsciente coletivo, que se refletem em diversos aspectos da vida humana e servem de matriz para a expressão e o desenvolvimento da psique.

□ dossiê

Mary Louise Holly, professora da Kent State University nos EUA, por exemplo, utilizou os diários biográficos de professores para investigar sua vida profissional e constatou algumas características comuns. Dos quarenta diários analisados, identificou algumas características comuns: o *desconforto* no abandono de modos confortáveis e no enfrentamento do novo ao deparar-se com as inconsistências que, no discurso falado passam rapidamente, mas no papel permanecem “olhando inexpressivamente e esperando pacientemente a sua interpretação”; o *distanciamento* com relação à experiência cotidiana, promovendo a “capacidade de recuar e olhar para um problema de múltiplos pontos de vista [o que] torna-o provavelmente resolúvel, compreendido e/ou aceite”; a *transformação de perspectivas*, que se dá através de transformações da própria estrutura de pressupostos, propiciada pela reflexão no diário; a *atenção focalizada*, pois o professor que reflete no diário desenvolve sua capacidade de decidir focalizar a sua atenção em outras coisas que puderam passar-lhe despercebido no cotidiano e que são importantes, escapando, assim, do direcionamento externo das situações emergentes desse cotidiano sobre ele; a *voz* do professor pode tornar-se visível quando ele aprende a interpretar as sua vida através da escrita autobiográfica, devido à exploração da própria personalidade, isto é, propicia a aproximação ao “eu autêntico” (HOLLY, 1992, p. 104-108).

Miguel Zabalza, professor da Universidade de Santiago de Compostela, também tomou os *Diários de aula* como instrumento de investigação e os analisou sob vários aspectos. Quanto ao próprio fato de escrever, diz que o professor aprende através de sua narração, ao construir sua experiência linguisticamente, de modo que sua narrativa constitui-se em *reflexão* e esta promove uma função epistêmica em que as representações do conhecimento são modificadas e reconstruídas no processo de serem recuperadas por escrito.

As unidades de experiência que se relatam são analisadas ao serem escritas e descritas de outra perspectiva, veem-se com uma “luz diferente”. É a ideia do “descentramento” brechtiano: a personagem que descreve a experiência vivida

dissocia-se da personagem cuja experiência narra-se (o eu que escreve fala do eu que agiu há pouco; isto é, o eu que escreve é capaz de ver-se a si mesmo em perspectiva em uma espécie de negociação a três: eu narrador – eu narrado – realidade) (ZABALZA, 1994, p. 95).

Não apenas entre professores a escrita da própria prática tem sido referida por seus méritos formativos. A psicopedagoga argentina Alicia Fernandez conta sua própria experiência em trabalho de atendimento a uma professora:

Decidi, então, com audácia, iniciar um caminho mais árduo, trabalhando sem supervisão psicopedagógica. Escrevia o que ia pensando sobre as sessões. Em minhas notas, dialogava com minhas preocupações, minhas dúvidas, minhas perguntas e minhas respostas. Utilizava o escrever como um terceiro (FERNANDEZ, 1994, p. 80).

A escrita em forma de narrativa facilita que esta seja uma experiência formativa, tanto para o narrador quanto para o ouvinte/leitor. Walter Benjamin em seu conhecido texto “O Narrador”, falava do desaparecimento do narrador entre nós, atribuindo como causas desse desaparecimento a perda do valor das experiências e o surgimento de uma nova forma de comunicação, a informação, que inaugura o universo das explicações e da verificabilidade, preocupações ausentes na narrativa.

Metade da habilidade de narrar reside na capacidade de relatar a estória sem ilustrá-la com explicações. (...) O extraordinário e o maravilhoso são sempre relatados com a maior exatidão, mas o relacionamento psicológico dos fios da ação não é oferecido à força ao leitor. Fica a seu critério interpretar a situação tal como a entende (BENJAMIN, 1975, p. 67).

E por não ser tudo oferecido ao leitor/ouvinte, há a possibilidade de sua inclusão, de maneira que ele pode tornar-se co-autor da história, que também

se torna sua. “Um conselho, fiado no tecido da existência vivida é sabedoria” (BENJAMIN, 1975, p. 65). Benjamin apresenta a narrativa como uma forma artesanal da comunicação, que deixa transparecer a marca do narrador, tal como a mão do artista é percebida na obra da cerâmica. Entendo que essas palavras significam que a singularidade do narrador faz-se presente em seu texto, de maneira que, transpondo para a narrativa da experiência profissional, a pessoa também se revela como identidade única.

Com o desaparecimento do narrador, a troca de experiências, que acontecia por seu intermédio, aproxima-se do fim, de modo que o ouvinte perde tanto seu conselheiro quanto a oportunidade de aprender com sua experiência. Portanto, resgatar a “arte de narrar” é também investir na oportunidade de aprender com a partilha das experiências de vida, sobretudo atualmente, meio século depois do texto de Benjamin, em que já vivemos na denominada “sociedade da informação”.

A metodologia Roda & Registro

Em *Entre na Roda!*, retomo os trinta anos de experiências com Registros em variados contextos profissionais e pessoais e apresento-os como parte de uma metodologia de trabalho (e de vida) a serviço da autoformação: a metodologia Roda & Registro (R&R). Nesse livro, o conceito da autoformação é também explicitado, pois os Registros não têm um fim em si, mas são ferramentas para o desenvolvimento contínuo da pessoa e de seu entorno. Formação de alunos e de professores. Formação de gestores e de suas equipes. Formação profissional ligada à pessoa, pois nas profissões relacionais é impossível separar as dimensões profissionais das pessoais. Formação que se dá na interação com os outros, daí as Rodas de Partilha serem, ao lado dos Registros, a outra ferramenta da metodologia R&R.

Ao sistematizar a metodologia, apresento os variados tipos de Registro, também os utilizados no meio empresarial, um contexto muito diferente do educacional em um sentido, mas muito parecido em outro: há pessoas em interação,

podendo fazer do ambiente de trabalho um “ambiente formativo”, dependendo da qualidade dessas interações.

Em *Entre na Roda!*, abordo também os portfólios como um tipo especial de Registro e apresento exemplos de sua utilização na escola, na universidade e na vida profissional, trazendo depoimentos de seus autores. Fica aqui o convite para a leitura desse livro, que é desde o título um convite para os leitores entrarem na Roda, narrando suas próprias histórias de vida pessoal e profissional. Quem sabe suas experiências possam ser tomadas como conselho e sabedoria, como nos ensinou Benjamin, e assim alimentamos a rede humana de interformação.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Observações Acerca da Obra de Nicolau Lescov. In: *Textos Escolhidos – Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Jürgen Habermas*. São Paulo: Abril, 1975. (Coleção Os Pensadores)
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A Mulher Escondida na Professora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FURTER, Pierre. *Educação e Reflexão*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- HOLLY, Mary Louise. Investigando a Vida dos Professores: Diários Biográficos. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Ed. Porto, 1992.
- MAY, Rollo. *A Coragem de Criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- NIN, Anaís. *Em Busca de um Homem Sensível*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- WARSCHAUER, Cecília. *Entre na Roda!: Uma Metodologia de Formação Humana da Sala de Aula ao Desenvolvimento Organizacional*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. No prelo.
- _____. *Rodas em Rede: Oportunidades Formativas na Escola e Fora Dela*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *A Roda e o Registro: Uma Parceria Entre Professor, Alunos e Conhecimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- ZABALZA, Miguel. *Diários de Aula*. Porto: Ed. Porto, 1994. ■